

O discurso contra-hegemônico no processo de formação em psicologia: uma revisão de literatura

The counter-hegemonic discourse in the process of formation in psychology: a literature review

Ana Aparecida da Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio de Janeiro
ana.aparecida.sa@gmail.com

Nilcimar dos Santos Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro
nilcimars@yahoo.com.br

Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo

Universidade Federal do Rio de Janeiro
alessandra_aniceto@yahoo.com.br

Resumo

O processo de formação na graduação em psicologia pode revelar a existência de relações hierárquicas e de hegemonia entre as abordagens teóricas desse campo. Com o objetivo de investigar a presença de discursos formativos que busquem romper com a hegemonia de abordagens *psi* elitizadas e verificar os principais focos contemplados por tais discursos, realizou-se uma revisão de literatura na base de dados SciELO, utilizando como descritores para busca os termos “formação em psicologia”, “ensino de psicologia” e “graduação”. Foram encontrados 37 resultados e, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 13 artigos para a análise. A presente revisão possibilitou verificar a existência de pesquisas e produções brasileiras que defendem um processo formativo em psicologia que contemple um discurso contra-hegemônico, questionando estruturas já postas em modelos formativos tradicionais; promovendo o diálogo entre a universidade e o serviço à comunidade e despertando o compromisso com as reais demandas sociais.

Palavras chave: formação em psicologia; discurso; contra-hegemonia; revisão de literatura.

Abstract

The process of undergraduate psychology may reveal the existence of hierarchical relationships and hegemony between the theoretical approaches of this field. In order to investigate the presence of formative discourses that seek to break with the hegemony of *psi* elitized approaches and verify the main focuses contemplated by such discourses, a literature review was conducted in the SciELO database, using as descriptors to search for the terms "psychology

training", "psychology teaching" and "graduation". Thirty-seven results were found and, after applying the inclusion and exclusion criteria, 13 articles were selected for the analysis. The present review made it possible to verify the existence of Brazilian research and productions that defend a formative process in psychology that contemplates a counter-hegemonic discourse, questioning structures already placed in traditional formative models; promoting dialogue between the university and community service and arousing a commitment to real social demands.

Key words: training in psychology; speech; counter-hegemony; literature review.

Introdução

O tema definido para esta revisão de literatura tem estreita relação com a pesquisa realizada durante o mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, no Instituto NUTES-UFRJ, estando vinculado à linha de pesquisa “formação profissional e docente nas ciências e na saúde”, e surgiu de inquietações deixadas por tal pesquisa, a qual abordou a formação do profissional psicólogo para atuar na saúde sob a perspectiva da educação e psicologia comunitárias. Ao estudar a respeito do processo de formação em psicologia, foi possível verificar a existência de relações hierárquicas e de hegemonia entre as diferentes abordagens teóricas desse campo, as quais podem variar de curso para curso e marcar fortemente a formação do psicólogo e a postura que adotará posteriormente como profissional. Refletir sobre o conhecimento produzido ao longo da formação do psicólogo possibilita compreender a ação desse profissional na sociedade futuramente e algumas posturas adotadas.

Regulamentada como profissão no Brasil pela lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, a psicologia é hoje uma área com grande procura dentre os cursos de graduação e já possui mais de 379 mil psicólogos formados e registrados no país, segundo dados do Conselho Federal de Psicologia. No entanto essa é uma área que abrange um amplo leque de possibilidades de atuação profissional, muitas das quais são desconhecidas por boa parte da população, tendo como grande destaque as inserções no espaço clínico de atuação individual, principalmente nos consultórios privados (PIRES E BRAGA, 2009).

[...] a psicologia na comunidade (décadas de 60 e 70) foi assim identificada no momento em que a psicologia vivia uma crise em relação aos modelos importados, distantes da nossa realidade. A psicologia precisava ser desenvolvida na comunidade e não apenas nos consultórios e nas escolas. O objetivo era deselitizar a profissão e deixá-la mais próxima às condições de vida da população. (OBERG, 2018, p. 718)

Daí despontaram as primeiras práticas em Psicologia Comunitária, como um desdobramento da Psicologia Social de cunho crítico e libertador, apoiando “ações efetivas na luta contra as situações de desigualdade e exclusão social e na defesa de modos de atuação mais participativos e comprometidos com a transformação da realidade social” (FREITAS in STELLA, 2014, p.7). Essa nova abordagem, junto a algumas outras, propõe um rompimento com a hegemonia de abordagens mais tradicionais, de origem teórica e conceitual europeia, amplia o horizonte de possibilidades de atuação e enriquecimento da formação do profissional psicólogo, deselitizando-a e possibilitando o acesso aos serviços de psicologia às classes populares da sociedade, e afastamento dos locais tradicionais de trabalho, permitindo que a psicologia seja

aplicada também em outros espaços que não somente o clínico (OBERG, 2018; GONÇALVES E PORTUGAL, 2016; PIZZI E GONÇALVES, 2015).

No Brasil, algumas importantes experiências registradas em psicologia que fogem aos padrões clínicos tradicionais estão relacionadas a movimentos de educação popular para alfabetização de adultos e outras formas de aproximação dos espaços de vida de pessoas mais carentes, seja em comunidades rurais, seja nas periferias urbanas. Na maioria dessas experiências, os primeiros passos são dados a partir de ações universitárias de expansão de territórios de trabalho e que influenciam diretamente o processo de formação universitária (GONÇALVES E PORTUGAL, 2016; CRUZ, FREITAS E AMORETTI in SARRIERA E SAFORCADA, 2017).

Essas novas experiências no campo da psicologia, que buscam romper com hegemonias consolidadas que refletem posturas das classes dominantes, podem ser definidas como “contra-hegemônicas”. Consideramos aqui o conceito de contra-hegemonia a partir de reflexões sobre a obra de Antonio Gramsci, propostas por Moraes (2010), o qual defende que a contra-hegemonia para Gramsci consistiria num instrumento de criação de uma nova forma ético-política, alicerçada no ideal de denunciar e tentar reverter situações de marginalização e exclusão infligidas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista. Ele cita algumas conceituações de Gramsci e aponta que

A contra-hegemonia institui o contraditório e a tensão no que até então parecia uníssono e estável. [...] Significa reorientar as percepções sobre o mundo vivido e combater as racionalidades hegemônicas, vislumbrando o presente como passível de ser alterado por ações concatenadas e convincentes. Um dos desafios centrais para o pensamento contra-hegemônico consiste em alargar a visibilidade pública de enfoques ideológicos que contribuam para a reorganização de repertórios, princípios, e variáveis de identificação e coesão, com vistas à alteração gradual e permanente das relações sociais e de poder. (MORAES, 2010, p. 73)

Consideramos ainda o conceito de “discurso contra-hegemônico”, partindo da concepção de discurso defendida e problematizada por Norman Fairclough (2016), que o considera como importante elemento da prática social, como um meio favorável para as mudanças sociais. Para ele, o discurso se apresenta como um modo de ação historicamente situado, sendo constituído socialmente e constituindo, ao mesmo tempo, as identidades e as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença. Segundo Resende e Ramalho (2019), Fairclough propõe pensarmos numa dialética entre discurso e sociedade.

Dentro do contexto da psicologia, entendemos nesse trabalho que o conceito de hegemônico se refere aquelas práticas centradas em uma abordagem clínica elitizada, que não contemplam espaço para as pautas sociais numa perspectiva crítica. Já os discursos contra-hegemônicos na psicologia, consistiriam em elementos da prática social que contestam posturas elitizadas, dominantes, que perpetuam desigualdades e exclusão. Esses discursos podem ser encontrados nas práticas implementadas dentro do curso de psicologia e em reflexões acerca da prática do profissional psicólogo em atividades de ensino durante a graduação.

O surgimento de novas áreas/formas de atuação para os psicólogos pressupõe a necessidade de preparação para que esses profissionais adquiram conhecimento e possam refletir acerca dessas possibilidades. O principal espaço para que esse conhecimento seja acessado deve se dar através de sua formação, principalmente inicial, nos meandros da universidade, mas também de forma continuada em experiências de formação posteriores à conclusão da graduação.

Nesse sentido, Scarparo e Guareschi (2007) pensam no processo de formação do psicólogo, como legitimador da necessidade de revisão e questionamento das práticas cotidianas, articulando estratégias de ensino com vistas a processos emancipatórios. Assim, mostra-se como necessário que o psicólogo tenha base formativa que lhe possibilite construir um novo perfil de profissional que busque desenvolver trabalhos engajados com contribuições para a construção de sujeitos críticos, que promovam transformações nas situações de miséria econômica e de opressão política, principalmente na América Latina, visando estruturar uma agenda política que revolucione as dimensões micro e macrossocial e realizando uma análise da sociedade que lhe permita compreender as demandas sociais e os recursos teóricos e técnicos coerentes para serem usados nas demandas atuais. (NEPOMUCENO et al, 2008; RECHTMAN E BOCK, 2019).

Mas será que a base formativa do psicólogo no Brasil – correspondente ao processo de graduação – contempla espaços para o estudo de abordagens de cunho crítico? Há a oferta de disciplinas que possibilitem o contato dos estudantes com perspectivas contra-hegemônicas nas graduações em psicologia brasileiras? Alguns estudos recentes a respeito dos currículos dos cursos de graduação em psicologia têm problematizado a estrutura curricular dos mesmos, questionando exatamente a presença de espaços que favoreçam essa postura crítica e o compromisso social no psicólogo.

Amendola (2014) traz em suas pesquisas a visão de que a formação profissional tem se tornado um tipo de mercadoria para o “adestramento” de estudantes para o uso de técnicas desarticuladas do contexto social e considera que a formação acadêmica em psicologia deve ter as suas relações de poder rigorosamente analisadas. Seixas et al (2016) ao investigar o lugar que as políticas sociais ocupam nos fundamentos teórico-políticos de alguns Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) de Psicologia no Brasil, identificaram que ao tratar das políticas sociais os cursos lhes atribuíam um foco técnico e prático, frequentemente articulado com a promoção de saúde e o compromisso social.

Na mesma direção e também analisando os PPCs dos cursos de psicologia, Silva e Yamamoto (2013) observam uma desarticulação entre a proposta do perfil e a operacionalização da matriz curricular dos cursos analisados, bem como uma fragmentação dos conteúdos direcionados às políticas sociais e o predomínio da clínica (no formato do consultório privado) nessas formações. Já Rudá, Coutinho e Almeida Filho (2019) analisaram a estrutura de cinco cursos de psicologia específicos (um de cada região do Brasil) e defendem que a formação em psicologia seja revista em todas as dimensões – dos marcos normativos aos componentes curriculares -, apontando uma possível revisão da arquitetura acadêmica com vistas à substituição da organização linear por um regime de ciclos.

Atualmente o instrumento regulamentador da organização curricular dos cursos de Psicologia no Brasil são as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação em Psicologia (Resolução nº 5, de 15 de março de 2011), instrumento esse bastante discutido e questionado nos estudos atuais pelo formato que propõe aos cursos. Um desses estudos, proposto por Vieira-Santos (2016), sobre os impactos das DCNs na formação em psicologia, particularmente através de sua revisão de literatura – que compreendeu as produções sobre formação em psicologia entre os anos de 2004 e 2014 – concluiu que, embora a formação nos últimos anos esteja se preocupando mais com o atendimento às demandas sociais do país, ainda se verifica um longo caminho a percorrer em direção à uma formação de fato comprometida com a realidade social, sugerindo a realização de novas pesquisas mais aprofundadas nesse campo.

Diante desse cenário, a presente pesquisa tem como ponto de partida e problema gerador a seguinte questão: é possível verificar a presença de discursos contra-hegemônicos nos cursos de graduação em Psicologia, os quais busquem romper com discursos elitizados e possibilitem uma formação que prepare o profissional psicólogo para refletir sobre as reais demandas da sociedade e planejar suas ações em conformidade com elas, atuando assim de forma coerente com a realidade social? Esse problema surgiu para os pesquisadores em meio a reflexões sobre a formação do psicólogo como profissional da saúde durante a realização de pesquisas dentro da linha “formação profissional e docente nas ciências e na saúde”, pelo Instituto NUTES – UFRJ.

Esta pesquisa consiste numa revisão de literatura e se propõe a problematizar a formação em nível de graduação em Psicologia no Brasil, com o objetivo de **investigar a presença de discursos formativos que busquem romper com a hegemonia de abordagens *psi* elitizadas - muitas vezes distantes das demandas sociais atuais - e verificar os principais focos contemplados por tais discursos.**

Conforme afirmam Ramos, Faria e Faria (2014), a revisão de literatura visa apresentar os resultados de uma investigação sobre um tópico de interesse do investigador, explicitando o que é conhecido a respeito desse tópico e identificando as fontes bibliográficas de forma consistente e rigorosa, a fim de tornar possível a avaliação da adequação das fontes selecionadas ao estudo realizado e o estabelecimento dos critérios de inclusão ou exclusão de algumas publicações da revisão em questão. A partir da sistematização de uma revisão de literatura minuciosa será possível mapear o real estágio do conhecimento produzido em torno da formação em psicologia, a qual servirá como base para a construção de novos conhecimentos.

A temática desta revisão se faz relevante para o campo da educação em saúde e pode contribuir para o enriquecimento da área por dialogar diretamente com as interfaces da educação e da saúde. Sua aproximação com a educação se dá por se propor a pesquisar o processo de formação em um curso de nível superior e se aproxima da saúde por ter como foco o curso de Psicologia, partindo do fato de que a Resolução nº 218/97, de 06 de março de 1997, do Conselho Nacional de Saúde, considera o psicólogo como um profissional da saúde, compondo assim o grupo das ciências da saúde. Pensar sobre o conhecimento produzido ao longo da formação do profissional pode ajudar a compreender e aperfeiçoar sua ação na sociedade.

Metodologia

A presente pesquisa tem como metodologia a revisão de literatura, realizada na base de dados SciELO, utilizando como descritores para busca os termos “formação em psicologia”, “ensino de psicologia” e “graduação”. Foram utilizados como filtros o formato da publicação, selecionando apenas os trabalhos em forma de artigo; a língua em que foram publicados, selecionando os que foram escritos em português; e a área temática, selecionando os trabalhos referentes à psicologia.

A busca inicial pelos termos “formação em psicologia” e “ensino de psicologia” de forma independente resultou numa grande quantidade de produções, mesmo considerando os filtros (textos em formato de artigo, publicados em português e tendo como área temática a psicologia), apresentando como resultado muitos trabalhos distantes das temáticas aqui buscadas, o que nos direcionou a refinar a busca combinando ambos os termos e acrescentando ainda o termo “graduação”, por se tratar do nível de escolaridade foco desta busca (quadro 1).

Quando os termos “formação em psicologia”, “ensino de psicologia” e “graduação”, foram combinados para a busca, encontramos inicialmente 68 publicações e restaram 37 artigos após a aplicação dos filtros.

Quadro 1: Cruzamento dos descritores.

Descritores	Total	Filtro
“Formação em Psicologia”	1.448	928
“Ensino de Psicologia”	1.733	1.079
“Formação em Psicologia” and “Ensino de Psicologia”	363	224
“Formação em Psicologia” and “Ensino de Psicologia” and “Graduação”	68	37

Fonte: a própria autora (2021)

Foi realizada a leitura dos resumos desses 37 trabalhos, descartando os que apareceram repetidos e verificando se o foco de cada um deles estava de fato no processo formativo em psicologia, submetendo-os aos critérios de relevância para sua inclusão ou exclusão da revisão. Após todo esse processo inicial ficaram 13 artigos para serem minuciosamente analisados e categorizados nesta revisão, possibilitando que um panorama atual do conhecimento produzido acerca da temática da formação em psicologia sob uma perspectiva contra-hegemônica seja mapeado.

No quadro 2, abaixo, estão dispostos os nomes dos artigos selecionados, os nomes dos autores e dos periódicos em que foram publicados e o ano de sua publicação. Os artigos receberam códigos específicos (iniciados com a vogal A seguida de uma numeração sequencial de 01 a 13) para facilitar a referência a cada um deles posteriormente no decorrer do texto de análise e foram organizados respeitando o ano de publicação, do mais atual ao mais antigo.

Quadro 2: Relação dos artigos selecionados após as buscas

Código	Título	Autores	Periódico	Ano
A01	Lacunas de Competências de Egressos do Curso Psicologia na Visão dos Docentes	Travassos, Rômulo; Mourão, Luciana.	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	2018
A02	O Ensino Testemunhal entre os Restos da Ditadura: uma Metodologia Ético-política	Kessler, Helena Pillar; Kveller, Daniel Boianovsky; Rodrigues, Marina da Rocha; Szuchman, Karine Shamash.	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	2017
A03	Percepções de Estudantes Universitários sobre a Realização de Atividades Extracurriculares na Graduação	Oliveira, Clarissa Tochetto de; Santos, Anelise Schaurich dos; Dias, Ana Cristina Garcia.	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	2016
A04	Psicologia e a Formação para a Saúde: Experiências Formativas e Transformações Curriculares em Debate	Pitombeira, Delane Felinto; Xavier, Alessandra Silva; Barroso, Raimunda Eliana Cordeiro; Oliveira, Pedro Renan Santos de.	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	2016



A05	Método de pesquisa da temática deficiência nos currículos de psicologia	Velden, Helena Ferreira Vander; Leite, Lúcia Pereira.	<i>Psicologia em Estudo</i>	2013
A06	As políticas sociais na formação graduada do psicólogo no Piauí	Silva, Clarissa de Andrade e; Yamamoto, Oswaldo Hajime.	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	2013
A07	Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia: revendo conceitos, repensando práticas	Borges, Lenise Santana; Canuto, Alice de Alencar Arraes; Oliveira, Danielle Pontes de; Vaz, Renatha Pinheiro.	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	2013
A08	A graduação em Psicologia prepara para o trabalho no hospital?	Torezan, Zeila Facci; Calheiros, Taís da Costa; Mandelli, Jéssica Pedrosa; Stumpf, Vanuccy Martins.	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	2013
A09	Formação em Psicologia no contexto das diretrizes curriculares nacionais: uma discussão sobre os cenários da prática em saúde	Poppe, Andrea Regina Soares; Batista, Sylvia Helena Souza da Silva.	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	2012
A10	Modos de ensinar e conhecer História da Psicologia	Matos, Rosângela Luz.	<i>Fractal: Revista de Psicologia</i>	2011
A11	Formação em Psicologia para a atenção básica à saúde e a integração universidade-serviço-comunidade	Lima, Monica; Brito, Manuela; Firmino, Alice.	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	2011
A12	Desafios do ensino de psicologia clínica em cursos de psicologia	Abdalla, Ively Guimarães; Batista, Sylvia Helena; Batista, Nildo Alves.	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	2008
A13	Psicologia da saúde: extensão de serviços à comunidade, ensino e pesquisa	Miyazaki, M. Cristina O. S.; Domingos, Neide Ap. Micelli; Valerio, Nelson I.; Santos, Ana Rita Ribeiro dos; Rosa, Luciana Toledo Bernardes da.	<i>Psicologia USP</i>	2002

Fonte: a própria autora (2021)

Analisando as informações básicas dos artigos selecionados (no quadro 2), verificamos que dos 13 trabalhos, 10 foram publicados na mesma revista, em anos diversos, e apenas 03 foram publicados em outros periódicos. Embora essa seja uma observação curiosa, ela não afeta o real foco de análise desta revisão.

Resultados e discussão

Após a leitura dos artigos selecionados foi possível observar uma tendência crítica em relação ao processo formativo tradicional da graduação em psicologia na maioria deles, que desperta reflexões sobre a preparação do profissional para sua futura atuação. Cada trabalho se posicionou em relação à formação do psicólogo a partir de uma perspectiva própria, com foco em seu objeto de estudo, construindo seu discurso favorável ao questionamento de estruturas hegemônicas com vistas a uma formação mais completa e crítica. Ainda que o termo “contra-

hegemônico” não apareça em nenhum dos artigos selecionados, ele pode ser facilmente encontrado de forma subentendida nos posicionamentos dos autores através da busca pela superação de posicionamentos dominantes.

O discurso formativo contra-hegemônico aparece nas colocações dos autores principalmente através dos apontamentos de lacunas e fragmentações na estrutura dos cursos de graduação, conforme apontam de forma explícita os artigos A01, A06 e A08, e se verifica de forma implícita nos demais. A partir desses apontamentos, eles propõem modos de superação desses vácuos através da ampliação das possibilidades para os graduandos, incluindo aí o incentivo a processos reflexivos, a revisão da presença das políticas sociais na formação do psicólogo e posicionamentos críticos que favoreçam o rompimento com a noção de atuações clínicas hegemônicas descontextualizadas, que descartam a realidade social que circunda o encontro do psicólogo com o sujeito que busca atendimento.

É notória a importância do surgimento de espaços dentro das universidades que possibilitem reflexões críticas sobre todo o processo formativo do profissional, questionando até mesmo quais atividades constituem esse processo e contribuem para uma formação mais potente e coerente com as demandas da sociedade atual.

Ao pensar no processo formativo do psicólogo, com foco na etapa da graduação – considerando aqui que a formação profissional deve ser contínua – há que se ponderar a necessidade de que as teorias estudadas caminhem em consonância com as possibilidades práticas desse profissional (AMENDOLA, 2014; NEPOMUCENO et al, 2008; RECHTMAN E BOCK, 2019). Nessa direção, há trabalhos que defendem a vivência de experiências práticas em diversos campos, mas com o compromisso de tornar possível a interlocução entre os conhecimentos teóricos estudados e a realidade de atuação, levando em conta questões sociais, econômicas e culturais que podem afetar o trabalho do psicólogo em cada realidade, exigindo dele uma postura crítica que lhe possibilite readequar sua prática às demandas reais que surgirem.

Nesse sentido o artigo A01 se preocupa com o papel social do psicólogo, que extrapola as atuações individuais e pode oferecer grandes contribuições em práticas diferenciadas e não hegemônicas. O artigo A03 defende a importância da realização de estágios extracurriculares para o maior envolvimento do graduando com o curso e para o amadurecimento de comportamentos profissionais. Já o artigo A08 questiona se a formação do psicólogo tem o preparado para atuar em situações menos tradicionais.

Os artigos A11 e A13 reforçam a ideia de que durante a graduação, o futuro profissional deve ter experiências que o estimulem a integrar o ensino, as atividades de pesquisa, as de extensão e o serviço à comunidade, aproximando o conhecimento construído na universidade e a sociedade na qual atuará futuramente e para a qual estará a serviço.

Nessa experiência de interação com a sociedade podem surgir muitas perspectivas de trabalho de caráter contra-hegemônico, como apontados pelo artigo A05, que propõe pensar na preparação do psicólogo para atuar junto a pessoas com deficiência, e pelo artigo A07, que trata acerca de uma formação de psicólogos que contemple reflexões sobre conceitos e práticas em torno das abordagens de gênero e sexualidade e a superação do predomínio dos estudos das identidades e da visão normativa, polarizada e patologizada quanto ao gênero e às sexualidades. Há também o artigo A02, que propõe a aplicação de uma disciplina com foco nos traumas e nos testemunhos, com a finalidade de refletir sobre a implicação desses temas para o trabalho do psicólogo no Brasil.

Outras perspectivas também contra-hegemônicas que aparecem nos trabalhos selecionados são aquelas que defendem que a formação do psicólogo, principalmente para atuar nas instituições de saúde, apresente as múltiplas possibilidades de atuação que esse campo abrange (os ambulatorios na atenção primária, as emergências dos hospitais gerais, nas múltiplas atividades comunitárias possíveis, nas ações pré-operatórias, no acolhimento em diversas situações de vulnerabilidade, nas práticas de prevenção ou de promoção da saúde, entre muitas outras) e que acima de tudo seja reforçada a importância da coerência com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Essa perspectiva aparece nos artigos A04, A08, A09, A11 e A13.

Já o artigo A06 questiona o predomínio das políticas de saúde nos PPCs dos cursos de psicologia e o pequeno espaço direcionado para as políticas sociais, reivindicando uma posição mais central e crítica no processo formativo.

Frente a essas defesas há o apontamento da necessidade de uma reestruturação curricular nos cursos de psicologia, principalmente com a finalidade de incluir na formação do psicólogo uma perspectiva crítica e um maior envolvimento e articulação com o social, mesmo em práticas clínicas tradicionalmente individuais. Isso é muito defendido pelo artigo A12, por exemplo, que aponta como sendo esse um desafio para o ensino em psicologia clínica, nas suas muitas abordagens teóricas.

A respeito da sinalização da necessidade da reestruturação curricular, faz-se necessária uma importante consideração: a maioria dos artigos que falam da reestruturação no sentido de normatização das matrizes curriculares foi publicada antes de 2011, ano em que foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação em Psicologia, através da Resolução nº 5, de 15 de março de 2011; as quais foram revisadas pelo Parecer CNE/CES nº 1071/2019, aprovado em 4 de dezembro de 2019. Ressaltando aqui que o artigo mais recente selecionado foi publicado no ano de 2018, portanto antes da revisão das diretrizes.

Ainda em relação às diretrizes, o artigo A09, de 2012, portanto produzido e publicado após a instituição das DCNs, aponta como positivas as mudanças nas diretrizes curriculares, destacando o incentivo à inserção dos estudantes nas experiências práticas logo nos primeiros anos da graduação e a livre escolha das ênfases na formação por cada instituição de ensino superior. Essa postura defende o rompimento com a visão hegemônica de que primeiro o graduando deve adquirir os conhecimentos teóricos para só posteriormente ir a campo para aplicá-lo, abrindo a possibilidade da visualização de que o conhecimento também é produzido no campo e que a teoria ganha maior sentido quando aliada à prática em tempo real. Rompe também com a noção de um currículo unificado, respeitando o direito de que cada faculdade escolha a ênfase adequada para seu curso, levando em consideração as demandas e estruturas da comunidade na qual está inserida.

Os artigos selecionados possibilitaram também a visualização das posturas e percepções acerca do processo formativo tanto sob a perspectiva dos docentes (A10) quanto pela perspectiva dos graduandos (A03 e A04), diversificando os lugares de fala contemplados.

Considerações finais

A partir do interesse pela temática da formação - em nível de graduação - em psicologia e da visualização do estabelecimento de relações hierárquicas entre abordagens e práticas dessa área, foi definido como objetivo desta revisão de literatura investigar a presença de discursos

formativos que busquem romper com a hegemonia de abordagens *psi* elitizadas e verificar os principais focos contemplados por tais discursos.

A realização desta revisão de literatura possibilitou verificar a existência de pesquisas e produções brasileiras que defendem um processo formativo em psicologia que contemple um discurso contra-hegemônico, no sentido de questionar estruturas já postas (hegemônicas) em modelos formativos tradicionais; possibilitar ao graduando o contato com experiências práticas múltiplas de forma alinhada com a teoria; promover o diálogo entre a pesquisa e o serviço à comunidade, reduzindo a distância entre a produção do conhecimento na universidade e sua aplicação na sociedade; despertar o compromisso com as reais demandas sociais e a abertura do olhar para extrapolar práticas elitizadas. E assim promover ao graduando um processo de formação potente, por meio do constante exercício de reflexão, assumindo uma postura crítica e política diante de seu papel social enquanto futuro psicólogo.

É interessante destacar que nos trabalhos selecionados não foi identificada a defesa ou indicação de nenhuma abordagem teórica específica da psicologia como militante maior de um discurso formativo contra-hegemônico, o que a autora acreditava que poderia acontecer aparecendo a vertente da psicologia comunitária. Mas ao contrário, verificou-se a defesa por uma formação que propicie ao graduando, independentemente de sua abordagem preferencial de atuação, preparar-se para o exercício de uma prática reflexiva, socialmente comprometida e crítica.

Enfim, as produções selecionadas e verificadas demonstram a preocupação dos estudiosos com a reestruturação do processo formativo do psicólogo visando a uma preparação para uma futura atuação mais comprometida com as realidades sociais e com as demandas da sociedade. Diante dos dados apresentados, fica clara a importância da ampliação de pesquisas que abordem novas possibilidades para o campo da formação em psicologia e que propaguem discursos formativos contra-hegemônicos, colaborando para a formação de psicólogos mais comprometidos e preparados para atuar em diferentes demandas.

Referências

AMENDOLA, Marcia Ferreira. Formação em Psicologia, Demandas Sociais Contemporâneas e Ética: uma perspectiva. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 34(4), p.971-983, 2014.

BRASIL. Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. **Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 27 ago. 1962. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4119-27-agosto-1962-353841-norma-pl.html> Acesso em: 29 ago. 2020.

_____. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 5, de 15 de março de 2011. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia**. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 29 ago 2020.

_____. Parecer CNE/CES nº 1071/2019, aprovado em 04 de dezembro de 2019. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação em Psicologia e estabelecimento de normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC) para a Formação de Professores de Psicologia**. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação/

Câmara de Ensino Superior, 2019. Disponível em: [pces1071_19 \(mec.gov.br\)](https://pces1071_19(mec.gov.br)) Acesso em: 05 abr 2021.

_____. Resolução Nº 218, de 06 de março de 1997. **Dispõe sobre a regulamentação das profissões da saúde de nível superior**. Conselho Nacional de Saúde. Diário Oficial da União: seção I, Brasília, DF, nº 83, p. 8932-33, 5 mai. 1997.

CRUZ, Lílian Rodrigues da; FREITAS, Maria de Fátima Quintal de; AMORETTI, Juliana. Breve História e alguns desafios da Psicologia Social Comunitária. In: SARRIERA, Jorge Castellá; SAFORCADA, Enrique Teófilo (org.). **Introdução à Psicologia Comunitária: bases teórica e metodológicas** (p.76-96). Porto Alegre: Ed. Sulina, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. 2ªed. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 2016.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Psicologia Social Comunitária como politização de vida cotidiana: desafios da prática em comunidade In: STELLA, Claudia (org.). **Psicologia Comunitária: contribuições teóricas, encontros e experiências** (p.68-85). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GONÇALVES, Mariana Alves; PORTUGAL, Francisco Teixeira. Análise histórica da Psicologia Comunitária no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, 28(3), 562-571, 2016.

MORAES, Dênis de. Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa et al. Por uma Psicologia Comunitária como Práxis de Libertação. **Psico**, 39(4), p.456-464, 2008.

OBERG, Lurdes Perez. O conceito de comunidade: problematizações a partir da psicologia comunitária. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 18(2), p.709-728, 2018.

PIRES, Ana Cláudia Tolentino; BRAGA, Tânia Moron Saes. O psicólogo na saúde pública: formação e inserção profissional. **Temas em Psicologia**, 17(1), p.151-162, 2009.

PIZZI, Bruno Passos; GONÇALVES, Mariana Alves. Reflexões sobre o trabalho do psicólogo e a tarefa de transformação social na obra de Martín-Baró e na psicologia social comunitária. **Teoría y Crítica de la Psicología**, 6, p.162-195, 2015.

RAMOS, Altina; FARIA, Paulo; FARIA, Ádila. **Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 17-36, jan./abr. 2014.

RECHTMAN, Raizel; BOCK, Ana Mercês Bahia. Formação do Psicólogo para a Realidade Brasileira: identificando recursos para atuação profissional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 35(35), p. 01-10, 2019.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2019.

RUDÁ, Caio; COUTINHO, Denise; ALMEIDA FILHO, Naomar de. Formação em Psicologia: uma análise curricular de cursos de graduação no Brasil. **Revista e-Curriculum**, 17(2), p. 419-440, abr./jun. 2019.

SCARPARO, Helena Beatriz Kochenborger; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Psicologia Social Comunitária e Formação Profissional. **Psicologia & Sociedade**, 19(2), p.100-108, 2007.



**XIV
ENPEC**

Caldas Novas - Goiás

SEIXAS, Pablo Sousa et al. As Políticas sociais nos fundamentos dos projetos pedagógicos dos cursos de Psicologia. **Psicologia Escolar e Educacional**, 20(3), p. 437- 446, set./dez. 2016.

SILVA, Clarissa de Andrade e; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. As Políticas Sociais na Formação Graduada do Psicólogo no Piauí. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 33(4), p.824-839, 2013.

VIEIRA-SANTOS, Joene. Impactos das Diretrizes Curriculares Nacionais na Formação em Psicologia: revisão de literatura. **Psicologia: Ensino & Formação**, 7(2), p. 34-52, ago./dez. 2016.

